

CAPÍTULO I

O CRIME

Versões de uma noite macabra

A violência urbana na cidade do Rio de Janeiro tornou-se fato corriqueiro no Brasil e no mundo. As guerras de gangs e o narcotráfico transformam a bela paisagem de cartão postal em pano de fundo, banalizando a vida humana e fazendo com que monstruosidades sejam relegadas a segundo plano.

Aquele crime só conseguiu a repercussão estrondosa que teve em todo tipo de mídia porque envolveu duas crianças, uma barbárie, uma violência inimaginável e um enorme mistério.

Era uma noite de quarta-feira como outra qualquer, quando Lupicínio Guimarães telefonou para sua esposa Meyre, informando que deveria chegar mais tarde em casa. Iria a um jantar de negócios com clientes que haviam chegado a cidade sem avisar previamente.

Meyre desligou o telefone, mais animada do que incomodada com a situação. Imediatamente mandou um WhatsApp para a filha adolescente da vizinha do primeiro andar, Catalina, perguntando se a jovem poderia ficar com seus filhos, como sempre fazia, quando Lupicínio e Meyre precisavam se ausentar à noite.

Catalina achou a proposta muito interessante, pois sempre aproveitava essas situações. Quando as crianças adormeciam, ela ia se encontrar com seu namorado, um rapaz de 22 anos que morava sozinho do outro lado do corredor. Nem o casal que a contratava, nem sua mãe sabiam disso, obviamente. Todos acreditavam que as crianças estavam bem e seguras com a garota.

Meyre correu até o Banco 24 horas ali na esquina e sacou todo dinheiro que conseguiu de três contas diferentes, colocando nos bolsos da calça jeans e na pequena bolsa que carregava.

Ao sair da cabine do banco, percebeu três rapazes que olhavam para ela e teve medo. Esperou dois garotos da academia duas lojas adiante saírem para rua e apressou o passo, emparelhando com eles. Olhou para trás e viu que os indivíduos que a observavam continuavam no mesmo lugar, mas a seguiam com os olhos.

Meyre tinha trinta anos, bonita, usava roupas atraentes. Estava casada fazia dez anos com Lupicínio, diretor financeiro de multinacional e quinze anos mais velho que ela. Fora uma paixão fulminante e um namoro de pouco mais de um ano até ela saber que estava grávida de sua filha mais velha, Monica.

Na época, houveram comentários maldosos que ela havia “dormido na cama certa”, pois de uma jovem que morava na comunidade do morro do Chapéu, ela se tornara uma mulher de posses, morando em um apartamento caro na Barra da Tijuca.

Os outros gerentes da empresa e os amigos mais próximos de Lupicínio estranharam tanto o romance como o casamento instantâneos do colega, pois tanto em sua família como no ambiente de serviço, sempre corra o boato que Lupicínio não apreciava companhias femininas.

Apesar de tudo, o casamento parecia ter sido um sucesso, pois ambos estavam sempre felizes, embora Lupicínio se ausentasse frequentemente do lar por causa de compromissos de trabalho, viajando frequentemente.

A chegada do segundo filhos do casal, Theo, hoje com seis anos de idade, pareceu solidificar ainda mais a sensação de família feliz que eles passavam. O que aconteceria naquela noite iria mudar tudo isso.

Meyre voltou para casa e colocou uma lasanha no micro-ondas para dar de jantar às crianças. Telefonou direto para Igor, seu motorista do Uber, o qual ela sempre requisitava nessas saídas noturnas.

Enquanto trocava de roupas e passava uma maquiagem discreta, as crianças jantavam. O telefone tocou novamente na sala da casa. Era Josefa, sua mãe. Meyre fechou a cara, mas foi o mais amável possível no telefone, Sempre que a mãe telefonava para ela, pedia favores, dinheiro ou, mais frequentemente, um advogado para algum de seus parentes que estava metido em alguma encrenca.

Dessa vez, o coração de Meyre estremeceu ao saber que Rubão, seu namorado de adolescência, havia tido um acidente, estava bem, mas precisava dinheiro para os remédios que o médico do pronto-socorro havia receitado. Ela nunca negaria nada para Rubão, estranho a mãe estar telefonando e não ele próprio, pois ainda se encontravam com certa frequência durante todo esse tempo que Meyre estava casada com Lupicínio.

Ela disse para mãe, apressada, que transferiria um dinheiro pela internet para a conta dele. Josefa, que conhecia bem a filha que tinha, bem como seu vício adquirido depois do nascimento de Theo. Ela perguntou se o genro estava viajando. Meyre disse que não, que só estava jantando com clientes. Josefa disse um “sei” bastante expressivo, deixando uma observação velada no ar. A filha se irritou com isso, mas tentou não demonstrar.

Desligou o telefone, abriu a porta para Catalina, pegou a bolsa e se despediu da garota, saindo apressada sem ao menos dizer tchau para as crianças que jantavam na cozinha. Catalina não estranhou. Já sabia de cor as recomendações do remédio que Theo tomava, da hora que deveriam ir dormir e o número do telefone caso alguma coisa acontecesse. Meyre estaria não muito longe, jogando cartas com “as amigas”.

Era pouco mais de oito e meia da noite quando Igor deixou Meyre na porta de uma mercearia em Jacarepaguá, onde sempre costumava deixa-la, com a costureira informação de estar lá às onze da noite, esperando ela sair, o que nunca demorava a acontecer.

Meyre bateu na porta lateral e uma pequena portinhola se abriu, revelando um par de olhos azuis muito atentos. O homem olhou tudo ao redor e destrancou a porta. O breve momento tenso de verificação de segurança das redondezas se evanescer. Meyre cumprimentou Paulão, sorrindo. O enorme segurança sorriu para a cliente assídua e a

acompanhou pela estreita escada de cimento. No alto, cruzaram o que parecia ser uma residência suburbana de família simples. No fundo da cozinha, Paulão bateu três vezes em uma parede de blocos de cimento não rebocados. A parede se moveu e uma linda loira em um vestido de noite e salto alto sorriu para Meyre. Era Nancy, a hostess do inusitado luxo do pequeno cassino clandestino que funcionava em cima da mercearia.

Meyre sentou-se em sua habitual mesa de *pocker*, cercada por dois jogadores que ela já conhecia e duas outras mulheres que nunca havia visto. O *croupier* a cumprimentou, enquanto Nancy lhe trazia fichas de jogo. Desejou-lhe sorte. Havia certa tensão no ar. Meyre depositou os maços de dinheiro na bandeja que Nancy trazia. Disse que esperava ter sorte esta noite e quitar parte dos débitos que tinha na casa. Nancy sorriu discretamente e não disse nada. Um dos jogadores mandou uma mensagem pelo celular e o jogo reiniciou. Par de dois. A sorte de Meyre parecia não estar bem como já fazia muito tempo.

No apartamento da Barra, Catalina punha as crianças na cama, ansiosa para que pegassem logo no sono. Sabia que Meyre retornaria por volta de meia-noite. Ela nunca viu Lupecínio regressar de seus jantares de negócios, mas sabia que o carro dele só entrava na garagem depois de uma da madrugada, pois a janela de seu quarto no apartamento do primeiro andar ficava bem em cima da vaga do carro dele.

Mal ela ouviu Monica rressonar, correu para a porta, ligou a babá eletrônica por pura precaução, pois sabia que as crianças nunca acordavam. Saiu do apartamento deixando a porta destrancada e bateu no apartamento de Mauro, seu namorado, que já estava esperando por ela.

Em uma boate em Copacabana, Lupicínio se divertia com os amigos. Ele achava que tinha direito a dar essas escapadas para relaxar, afinal era um excelente pai e marido, provedor de todas as necessidades do lar. Nunca deixou de atender um pedido de Meyre, um capricho de Monica ou uma vontade de Theo. Vez ou outra, quando não estava viajando e podia fazer o que queria, dava essas escapadas para encontrar sua turma de farra. Também se policiava para não chegar tarde demais em casa e dar motivos a alguma suspeita que o “jantar de negócios” poderia ser outra coisa. Afinal, meia hora para relaxar era mais que suficiente e ele tinha horário livre das nove até meia noite e pouco.

O encontro de Catalina não foi como o das outras vezes. Mauro parecia inquieto e disse que estava com um problema na faculdade, um amigo iria até lá deixar um trabalho para ele entregar no dia seguinte, pois precisava recuperar a nota em uma matéria e sua impressora dera “pau”. Para completar, ele estava duro e não tinha como comprar outra tão cedo e a mesada dos pais só chegaria na outra semana. Por volta de dez horas, pediu licença para Catalina e desceu para esperar o amigo. Voltou somente uma hora depois, quase na hora de Catalina voltar para o apartamento de Meyre.

A garota não gostou nada daquilo, porque se soubesse que ele iria demorar tanto, teria voltado ao serviço ao invés de ficar lá, sozinha, vendo a novela chata da televisão. Como ele disse que já voltaria, ficou esperando lá mesmo.

Quinze para meia noite o celular de Catalina emitiu um sinal. Era Igor, o motorista do Uber, avisando que Meyre tinha entrado no carro e estaria em casa dentro de vinte minutos. Logicamente, Catalina nunca havia deixado Meyre saber que, coincidentemente, Igor era colega de faculdade de Mauro.

Ela arrumou as roupas apressada, deu um beijo no rapaz e saiu para o corredor. Sentiu um arrepio ao ver a porta do apartamento apenas encostada, mas logo relaxou, rindo de sua pressa para ir encontrar o namorado. Havia sido um descuido. Ela entra no apartamento, fecha a porta e vê que tudo está fechado como ela havia deixado. Escuta um pouco para ouvir algum ruído, mas tudo está calmo como ela esperava. As crianças estão dormindo, pensou.

Ela vai até o banheiro e logo em seguida a patroa chega. Ela escuta a chave virando na fechadura. Vai até a sala, senta no sofá em frente da televisão que já havia ligado quando entrou e finge estar sonolenta.

Meyre a cumprimenta e não está com uma cara muito feliz, como sempre acontece. Agradece Catalina e a acompanha até a porta, trancando em seguida.

Catalina está no elevador, descendo para seu apartamento, quando ouve Meyre gritando seu nome, histericamente, andares à cima. Ela se assusta e aperta o botão para o elevador subir assim que ele para no primeiro andar.

Ao chegar ao saguão do apartamento de Meyre, um homem de cerca de quarenta anos que mora no andar acima de Meyre, que ela sabe ser da polícia, está segurando-a pelos ombros.

- O que aconteceu aqui, Catalina, o que houve? – Meyre chora, grita e está em total desespero.

O vizinho que segura Meyre, delegado Pascoal, fala autoritário:

- Não entre aí, menina. Aconteceu um crime horrível.

Em questão de minutos, uma viatura para na frente do edifício e os policiais sobem até o andar do apartamento de Meyre. O delegado Pascoal está parado na frente da porta e as duas mulheres estão sentadas no chão, abraçadas, chorando.

O delegado permite a entrada dos policiais e fecha a porta assim que eles passam por ela, deixando as mulheres do lado de fora.

- O negócio é o seguinte. O filho dessa senhora, de seis anos, está morto, mais de quinze facadas, dentro do box do chuveiro no banheiro da suíte do casal. A cama está toda bagunçada e claramente houve sacanagem pesada ali.

Os policiais murmuram algumas coisas e o delegado interrompe.

- Tem mais, a irmã mais velha, tem dez anos, está pendurada pelo pescoço em uma corda lá no quatinho do fundo. A mãe não viu ainda, só achou o garoto no banheiro do quarto e saiu berrando do apartamento. Eu estava chegando e desci a escada correndo, mandei ela ficar lá fora enquanto eu tentava achar a garota, achei que ela tinha sido sequestrada. Já ia saindo quando dei de cara com um bilhete em cima da mesa da cozinha, um papel cheio de florzinhas, escrito bem grande “Sinto Muito”. Fui olhar e achei a menina.

- Chefe, quer dizer que a menina deu cabo do garoto e se enforcou? – Perguntou o policial novato.

- Óbvio que não, seu tonto. Desde quando uma menina estupra um garotinho e deixa um monte de porra no lençol da cama? E tem mais. Não tem cadeira, nem banquinho, nem nada que ela possa ter subido para se enforcar!

Esse foi o crime.